

## INCIDÊNCIA, PREVALÊNCIA E RISCOS À SAÚDE DOS TRANSTORNOS ALIMENTARES: UMA REVISÃO NARRATIVA

INCIDENCE, PREVALENCE AND HEALTH RISKS OF EATING DISORDERS: A NARRATIVE REVIEW

INCIDENCIA, PREVALENCIA Y RIESGOS PARA LA SALUD DE LOS TRASTORNOS ALIMENTARIOS: UNA REVISIÓN NARRATIVA

João Victor Maciel do Vale<sup>1</sup>  
Sebastião José de Almeida Junior<sup>2</sup>  
Julia Tavares Pacheco<sup>3</sup>

**RESUMO:** A nomenclatura dos transtornos alimentares passou por diversas alterações ao longo dos anos, e junto a essas mudanças, sua incidência e prevalência tiveram um aumento significativo na população mundial. Esse cenário se baseia na influência tanto de fatores intrínsecos ao indivíduo quanto a influência extrínseca do ambiente. Assim, o aumento da mortalidade se torna um problema de saúde pública. Analisamos a literatura científica acerca da incidência, prevalência e mortalidade dos transtornos alimentares, comparando seus dados das últimas décadas e identificando possíveis fatores de riscos, sendo realizado uma revisão narrativa com a literatura científica encontrada sobre o tema, submetida a critérios de seleção e totalizando 30 artigos que foram julgados adequados ao objetivo proposto. O aumento da incidência são uma realidade em grande parte dos países pelo mundo, principalmente devido ao aumento da globalização e da pandemia da COVID-19. A perpetuação da prevalência também se mostra como um problema caracterizado principalmente pela dificuldade no tratamento adequado. Ademais, sua mortalidade se mostra superior à de outros transtornos psiquiátricos.

3074

**Palavras-chave:** Anorexia nervosa. Bulimia nervosa. Transtornos alimentares. Mídias sociais.

<sup>1</sup> Acadêmico de Medicina no Centro Universitário Presidente Antônio Carlos (UNIPAC-JF).

<sup>2</sup> Acadêmico de Medicina no Centro Universitário Presidente Antônio Carlos (UNIPAC-JF).

<sup>3</sup> Acadêmica de Medicina na Faculdade de Ciências Médicas de Três Rios (FCM-TR).

**ABSTRACT:** The nomenclature of eating disorders has undergone various changes over the years, and alongside these changes, their incidence and prevalence have significantly increased in the global population. This scenario is influenced both by intrinsic factors related to the individual and extrinsic factors from the environment. Consequently, the rise in mortality becomes a public health issue. We analyzed the scientific literature regarding the incidence, prevalence, and mortality of eating disorders, comparing data from recent decades and identifying possible risk factors. A narrative review was conducted with the scientific literature on the topic, applying selection criteria, and a total of 30 articles deemed relevant to the proposed objective were included. The increase in incidence is a reality in most countries worldwide, primarily due to the rise in globalization and the COVID-19 pandemic. The persistence of prevalence also presents a problem, mainly characterized by the difficulty in providing adequate treatment. Furthermore, the mortality rate is higher compared to other psychiatric disorders.

**Keywords:** Anorexia Nervosa. Bulimia Nervosa. Eating Disorders. Social Media.

**RESUMEN:** La nomenclatura de los trastornos alimentarios ha experimentado diversas modificaciones a lo largo de los años, y junto con estos cambios, su incidencia y prevalencia han aumentado significativamente en la población mundial. Este escenario se basa tanto en la influencia de factores intrínsecos al individuo como en la influencia extrínseca del entorno. Así, el aumento de la mortalidad se convierte en un problema de salud pública. Analizamos la literatura científica sobre la incidencia, prevalencia y mortalidad de los trastornos alimentarios, comparando los datos de las últimas décadas e identificando posibles factores de riesgo. Se realizó una revisión narrativa con la literatura científica disponible sobre el tema, sometida a criterios de selección y totalizando 30 artículos que fueron considerados adecuados para el objetivo propuesto. El aumento de la incidencia es una realidad en gran parte de los países del mundo, principalmente debido al aumento de la globalización y la pandemia de COVID-19. La perpetuación de la prevalencia también se presenta como un problema, caracterizado principalmente por la dificultad en el tratamiento adecuado. Además, su mortalidad es superior a la de otros trastornos psiquiátricos.

**Palabras clave:** Anorexia nerviosa. Bulimia nerviosa. Trastornos alimentarios. Redes Sociales.

## INTRODUÇÃO

Desde o lançamento do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), os transtornos alimentares (TA) passaram por significativas mudanças em relação as últimas edições, sendo, agora, catalogados em seis principais distúrbios: anorexia nervosa, bulimia nervosa, transtorno de compulsão alimentar periódica, transtorno de ingestão alimentar restritivo/evitativo, pica e transtorno de ruminação (TREASURE; DUARTE; SCHMIDT., 2020).

Segundo o DSM-V, existem dezenas de sintomas que podem compor o diagnóstico nos transtornos alimentares, alguns exemplos são: restrição da ingestão de calorias em relação as necessidades, levando a um baixo peso corporal no contexto de idade, gênero e desenvolvimento, além do medo intenso de ganhar peso, perturbação do modo como o peso ou a forma corporal são vivenciados, compulsão alimentar, comportamentos compensatórios, ingestão de substâncias não nutritivas/alimentares, entre outros sintomas possíveis.

É amplamente reconhecido que o sexo feminino aparenta ser o mais afetado pelos TAs, porém, estudos mostram que outras características como etnia, espaço geográfico, idade e orientação sexual também podem influenciar tanto no seu aparecimento quanto na sua gravidade (LITMANEN et al., 2016).

A anorexia nervosa e a bulimia nervosa são aquelas que mais ganham destaques em relação a prevalência e a taxas de mortalidade na população, uma vez que sua incidência depende de diversos agentes intrínsecos e extrínsecos ao indivíduo. (PLAZA et al., 2022).

Em relação aos fatores individuais, o aumento das pesquisas dentro da psiquiatria visando um modelo biológico da psicopatologia vem se tornando realidade, e, somado aos contextos psicossociais, tornou-se possível entender melhor os transtornos da mente para que haja um tratamento adequado. Dentro da neurobiologia, estudos envolvendo o genoma humano identificaram oito loci associados à anorexia nervosa. Embora esses achados não sejam específicos, eles são importantes descobertas que aproximam a medicina de determinar associações genéticas com comportamentos específicos dos TAs (WATSON et al., 2019).

Somado a isso, a presença de comorbidades associadas, como transtornos mentais adjacentes, condições crônicas do sistema cardiovascular, renal ou metabólico, são um cenário frequente que elevam ainda mais o risco de mortalidade (IWAJOMO et al., 2020).

Junto a isso, a dificuldade no tratamento demonstra a complexidade dos transtornos alimentares, sendo o diagnóstico e tratamento correto e precoces um privilégio para poucos indivíduos. Segundo Steinhausen. (2009) apenas 46% dos pacientes recuperaram totalmente da anorexia nervosa, enquanto aproximadamente 30% relataram melhora parcial apenas, e 20% permaneceram com sintomas durante o acompanhamento.

Um fato importante para essa perpetuação tanto do aumento da incidência quanto da prevalência são os fatores extrínsecos aos indivíduos, como a influência de seu ambiente. Desde 1990, o uso da internet aumentou progressivamente a cada ano. Estudos relataram que 90% dos jovens entrevistados (entre 18 a 29 anos) se assumiram usuários ativos de redes sociais. Em um relatório de 2023, mais da metade da população mundial usava ativamente as mídias sociais (ZAUDERER, 2023).

As mídias sociais adentraram no lar da população desde o início do século XXI, com atualmente bilhões de usuários diários, e o que era para ser um facilitador do cotidiano alheio, se tornou centro de divulgações de opiniões muitas vezes nocivas, marketing abusivos e discussões muitas vezes com informações inverídicas, tornando-se o ambiente digital propício a ser um fator de risco para transtornos mentais (PLAZA et al., 2022).

Sendo a regulação nervosa e endócrina algo extremamente complexo, essa homeostase pode ser interferida por diversos fatores. O acúmulo de gordura foi uma adaptação humana que visava um estoque de energia corporal, porém, com as mudanças da sociedade atual, mecanismos de sobrevivência se tornaram secundária em relação as prioridades da população. A importância que a mídia deu a um tipo específico de corpo, principalmente para as mulheres, trouxe comportamentos de risco à sociedade junto a uma ansiedade exacerbada na busca ao chamado corpo perfeito, gerando sintomas tais como os vômitos purgativos e a autopercepção deturpada a respeito do próprio peso ou aparência. Além disso, pesquisadores sugeriram que neurotransmissores estariam relacionados ao comportamento disfuncional que progressivamente evoluiu para um transtorno mental (MURIS et al., 2005)

Ademais, a aproximação daqueles que possuem pensamento semelhante, mesmo que disfuncionais, é realizada em sites e comunidades compostas por pessoas favoráveis aos comportamentos disfuncionais em busca do corpo perfeito a qualquer custo, sendo comum o compartilhamento de dietas restritivas, uso de substâncias supostamente destinadas à perda de peso, entre outros (PLAZA et al., 2022).

## METODOLOGIA

Esse artigo se enquadra como uma revisão narrativa realizada no período de março a agosto de 2024, por meio de pesquisas nas bases de dados: U.S. National Library of Medicine (PUBMED), Scientific Electronic Library Online (SciELO), Google Acadêmico e livro

texto DSM-V. Foram utilizados os descritores: “anorexia nervosa”, “bulimia nervosa”, “transtornos alimentares” e “mídias sociais”. Desta busca foram encontrados 426 artigos, posteriormente submetidos aos critérios de seleção.

Os critérios de inclusão foram: artigos nos idiomas inglês e português; publicados no período de 2003 a 2024 e que abordavam as temáticas propostas para esta pesquisa, estudos do tipo revisões narrativas, integrativas, sistemáticas e diretrizes, disponibilizados na íntegra. Os critérios de exclusão foram: artigos duplicados, disponibilizados na forma de resumo, que não abordavam diretamente a proposta estudada e que não atendiam aos demais critérios de inclusão.

Após os critérios de seleção restaram 30 artigos que foram submetidos à leitura minuciosa para a coleta de dados. Os resultados foram apresentados de forma descritiva.

## RESULTADOS INCIDÊNCIA E PREVALÊNCIA

É perceptível que a prevalência dos transtornos alimentares tem aumentado. SOLMI et al., (2015) relatou que houve um acréscimo de 25% na prevalência em relação a dados prévios, mas apenas cerca de 20% dos indivíduos afetados comparecem regularmente para tratamento.

As taxas de prevalência entre mulheres jovens foram de 5,5% a 11,7% de algum transtorno alimentar no início da vida adulta, enquanto nos homens jovens foi de 0,6% a 2,4%, sendo desses a anorexia nervosa a mais destacada (SILÉN; KESKI-RAHKONEN, 2022).

As crianças também são alvo frequente dos TA, principalmente na sua condição subclínica na qual o diagnóstico e a percepção de necessidade de tratamento se tornam pouco evidentes, principalmente com a falta de conhecimento do público geral. Uma revisão sistemática com meta-análise mostrou que a prevalência global do transtorno de compulsão alimentar periódica foi de 1,3% e 3,0% em crianças e adolescentes, respectivamente (KJELDBJERG; CLAUSEN, 2021).

No Brasil, a prevalência de transtorno de compulsão alimentar periódica foi de 1,4%, a de bulimia nervosa foi de 0,7%, enquanto a prevalência de compulsão alimentar recorrente foi de 6,2% (APPOLINARIO et al., 2022).

Outro estudo mostrou que a média ponderada de prevalência de anorexia nervosa aumentou de 3,5% em 2000–2006 para 4,9% em 2007–2012 e 7,8% no período 2013–2018 (GALMICHE et al., 2019).

## FATORES DE RISCO

Além desses dados da população no geral, foi visto que minorias de gênero e sexuais possuíam um risco mais elevado. Assim, estudos feitos on-line com estudantes universitários nos EUA revelaram que, se comparado a população de estudantes heterossexuais, quem relatou que possui identidade de gênero diferente tinham maiores chances de diagnósticos de TA e preocupações excessivas com o peso (GRAMMER et al., 2021).

Já no ambiente digital, estudos relacionaram interações negativas recorrentes nas redes sociais, tais como comentários depreciativos relacionados ao peso ou baixo número de “curtir” em fotos ou vídeos pessoais, como fatores preditores da dificuldade de regulação do comportamento alimentar, além dos sintomas dos TAs (MARCO; TORMO-IRUN, 2018).

Segundo a teoria sociocultural, os meios de comunicação apresentam referências muitas vezes distantes da realidade alheia, colocando o ideal de beleza magra como a referência a ser seguida. Apesar de sua impossibilidade incompatível com a realidade da maioria das pessoas, muitas mulheres buscam esses objetivos tidos como os únicos corretos, tornando-os como prioridade e, majoritariamente, não conseguem alcançá-los, resultando em insatisfação corporal e frustração. Portanto, ocorre uma internalização dessas influências impostas pela sociedade, estimulando a comparação entre as aparências, e gerando fatores de riscos importantes para o surgimento de comportamento desadaptativos (PLAZA et al., 2022)

Junto a isso, o período pandêmico da COVID-19 que obrigou grande parte da população mundial a adotar comportamentos que diminuíssem a taxa de transmissão da doença, como o isolamento social, foi importante para o aumento da incidência dos TA, especialmente entre os jovens (SILÉN; KESKI-RAHKONEN, 2022).

Com o isolamento social nesse período, a internet se tornou uma ferramenta com uma importância nunca antes vista, pois as relações humanas passaram a se basear na conectividade das mídias sociais. Nesse contexto, a internet ganhou destaque não somente para fins de entretenimento, mas para a educação online, que passou a ser a referência em

todo o mundo devido a impossibilidade temporária de ir e vir para instituições de ensino presenciais. Portanto, dois fatores determinantes para o aumento dos TA se destacaram: o próprio isolamento social e o conseqüente aumento do uso e da importância das mídias. (CARR; HAYES, 2015)

Dessa forma, estudos na população dos EUA por meio de registros eletrônicos viram que houve um aumento de 15% nos TA nesse período em pessoas a abaixo dos 30 anos, em comparação com os anos anteriores, em uma amostra de mais de 5 milhões de pessoas, tendo destaque o sexo feminino (TAQUET et al., 2021).

Estudos também avaliaram a influência geográfica entre as populações nas diferenças dos comportamentos alimentares, tendo como base também a mudança na microbiota intestinal, devido as mudanças genéticas e de dieta. Essa diversidade da microbiota varia de acordo com o país e têm sido relacionadas com o risco de desenvolvimento de diversas patologias, incluindo os TAs (CHONG et al., 2015).

Também foi constatado a possível maior prevalência de TA entre mulheres ocidentais, com 0,3% a 7,3%, em comparação com as não-ocidentais, com 3,2%. Porém, mesmo com o percentual mais baixo fora do ocidente, nessa população também é mostrado crescente aumento dos hábitos alimentares de risco para TA (MAKINO; TSUBOI; DENNERSTEIN, 2004).

Vale citar também estudos que relacionaram a prática de esportes em alta performance com o aumento da incidência dos TA, pois tais modalidades ganham destaque no cenário globalizado atual. Uma vez que a intensa rotina, altamente regrada e com muitas cobranças, podem favorecer o desenvolvimento de Comportamentos de Risco para Transtornos Alimentares (CRTA's) (DSM-V, 2014; FONTELLA; BARCELOS; D'ALMEIDA, 2024).

Dessa forma, esportes cuja necessidade de movimentos coreografados e finos, baixo percentual de gordura corpórea, baixa massa corpórea, e nas modalidades divididas por categoria de acordo com o peso ou as que necessitam de avaliações feitas por juízes, como o fisiculturismo e a ginástica artística, foram consideradas de maior risco para o desencadeamento de CRTA's (HOLM-DENOMA et al., 2009).

Nesta revisão, 80% dos estudos identificaram a presença de CRTA's em variadas proporções. Constatou-se que o TA mais estudado foi a bulimia, seguido da anorexia, do transtorno compulsivo alimentar periódico e da ortorexia. Portanto, é evidente que o

ambiente esportivo pode ser um ambiente nocivo que gera os riscos citados, pois embora as taxas de prevalência diverjam entre os estudos, elas ainda se mantem elevadas (acima de 10%) (FONTELLA; BARCELOS; D'ALMEIDA, 2024).

Existe, ainda, uma tríade de sintomas e achados clínicos denominados "A tríade da atleta feminina" que diz respeito à relação entre deficiência energética, irregularidades menstruais, e baixa massa óssea (AMERICAN COLLEGE OF SPORTS MEDICINE, 2007).

## MORTALIDADE

Os sintomas relacionados a anorexia nervosa podem trazer repercussões importantes para o corpo humano, trazendo leucopenia, hipoglicemia assintomática, e até mesmo hipotireoidismo leve. Além disso, distúrbios hidroeletrólíticos podem aumentar a mortalidade devido ao seu desequilíbrio, tanto ácido-base quanto dos principais íons. A alcalose hipoclorêmica e hipopotassêmica é o caso mais encontrado dos vômitos induzidos, o que pode trazer alterações potencialmente fatais no ritmo elétrico do coração ("Medical Management of Eating Disorders", [s.d.]).

Uma característica importante, validada por uma meta-análise, foi que a taxa de mortalidade seria superior nos transtornos alimentares se comparado com outros transtornos psiquiátricos (ARCELUS et al., 2011).

Além da taxa de mortalidade aumentada, os custos de saúde que os TA trazem também merecem destaque, tanto para instituições psiquiátricas quanto para as não psiquiátricas. Pesquisas indicam que em Ontário, no Canadá, em 2012, foram gastos cerca de 48 milhões de dólares canadenses associados a casos de TA, sendo a idade mais crítica analisada abaixo dos 20 anos e após os 65 anos (DE OLIVEIRA et al., 2017).

Foi visto no estudo de Iwajomo et al. (2020), que os transtornos alimentares tiveram 5 vezes mais chance de mortalidade com base no risco basal da população de Ontário. E além desse risco, um fator importante a ser analisado é o Anos de Vida Perdidos, que nesse estudo foi de 375,6 para os homens a cada 1000 habitantes, enquanto para mulheres foi de 174,1 a cada 1000 habitantes.

Outra revisão sistemática da literatura estudou 35 estudos, que somaram juntos 12808 pacientes e relataram 639 mortes no total em pacientes com Anorexia nervosa. Tendo achado também associação positiva entre a idade e IMC para esse desfecho através de meta-



regressão. Além disso, para bulimia nervosa, o risco relativo de mortalidade foi de 2,11 (ARCELUS et al., 2011).

Foram encontrados também fatores que contribuíram como fortes preditores de mortalidade em TA, como a idade avançada, uso de álcool e transtornos mentais subjacentes. (BUTTON; CHADALAVADA; PALMER, 2009).

## DISCUSSÃO

Sabemos então que os TA são doenças com uma taxa de mortalidade única em relação a outros transtornos psiquiátricos, e vem ganhando destaque na atualidade (ARCELUS et al., 2011). Os estudos mostraram diferentes achados em relação ao risco de mortalidade pelos TAs. Por exemplo, Iwajomo et al. (2020) relatou 5 vezes maior risco nos TAs em geral, enquanto ARCELUS et al., (2011) demonstrou 2,11 vezes maior risco na bulimia nervosa.

Ademais, os TAs ganharam destaque principalmente entre indivíduos do sexo feminino de faixa etária jovem, com seu crescimento contínuo e relevante em diversos países pelo mundo (APPOLINARIO et al., 2022; GRAMMER et al., 2021). Os sintomas dos transtornos alimentares muitas vezes iniciam de maneira insidiosa através de comportamentos disfuncionais, como a indução ao vômito e dietas restritivas. Tais achados se relacionam com mudanças que ocorram na última década em relação aos modos de relacionamento na sociedade, os quais com o advento das mídias sociais se teve o potencial para mudanças até mesmo bioquímicas no cérebro (MURIS et al., 2005), e que geraram comportamentos disfuncionais (PLAZA et al., 2022).

É possível analisar também que o indicador “Anos de Vida Perdidas” aumentado nos homens na coorte analisada poderia ser explicada pela menor probabilidade de os centros de tratamento não aceitarem pacientes masculinos, tornando evidente também a necessidade de estudos e políticas de saúde visando a população masculina, que muitas vezes é negligenciada. (IWAJOMO et al., 2020; MURRAY et al., 2017; Mond, J., Mitchison, D., & Hay, P., 2014).

Tais transtornos nos atletas também são uma realidade que merece ser discutida, pois a ambição pelo alto desempenho muitas vezes se sobrepõem a saúde física e mental desses indivíduos. Dois estudos chegaram a mesma conclusão que o ambiente vivido por essas pessoas, principalmente em esportes cuja condição física são destaques, configuram-se como

fatores de risco para comportamentos de risco para TA (FONTELLA; BARCELOS; D'ALMEIDA, 2024; HOLM-DENOMA et al., 2009), gerando ainda síndromes já consideradas como específicas dos atletas, tamanha a banalidade dada a esse fator de risco (AMERICAN COLLEGE OF SPORTS MEDICINE, 2007).

Ainda, diversos fatores contribuíram para o aumento dos TAs no Brasil e no mundo, além da popularização das mídias sociais. A pandemia do COVID-19 potencializou esses fatores de riscos que perpetuaram a ocorrência dos transtornos (SILÉN; KESKI-RAHKONEN, 2022). Cenário esse que traz ainda mais vulnerabilidade a certos grupos que naturalmente já possuíam chances aumentadas de desenvolver transtornos psiquiátricos, especialmente alimentares, tais como minorias de gênero – com destaque a tal grupo devido ao pouco interesse de se desenvolver estudos que indicam essa prevalência nessas populações, uma vez que a maioria é feito com definições binárias de gênero (GRAMMER et al., 2021), junto a usuários de álcool e transtornos mentais prévios (BUTTON; CHADALAVADA; PALMER, 2009).

Embora a revisão narrativa tenha abrangido grande parte da literatura científica sobre o tema, é válido analisar que relações de causalidade não podem ser confirmadas através desta metodologia, sendo possível inferir somente possíveis associações entre duas variáveis, baseando-se também na qualidade e no risco de viés das referências utilizadas. É recomendado que mais estudos de coorte sejam feitos para aumentar a probabilidade de definir relações causais entre os possíveis fatores de risco e prognósticos dos TAs, além de revisões sistemáticas englobando toda a literatura.

## CONCLUSÃO

É possível concluir que a incidência e a prevalência dos transtornos alimentares, em especial a anorexia nervosa e bulimia nervosa, aumentaram nos últimos anos no mundo. Esse achado possui como possível causador o aumento da conectividade dada através da internet e das redes sociais, as quais permitem a divulgação de fotos pessoais que podem ser facilmente julgadas através de comentários e métodos de validação, permitindo a comparação entre corpos físicos e, por fim, gerando sofrimento mental. Ademais, a pandemia do COVID-19 promoveu o isolamento social que dificultou os cuidados com a saúde mental da população e as induziu a permanecer ainda mais conectados nas redes sociais. Além disso, fatores de riscos como a prática em alta performance de certos esportes,

idade avançada, sexo feminino e uso de álcool podem facilitar o desenvolvimento dos transtornos alimentares, cujos sintomas podem iniciar através de comportamentos disfuncionais, como o vômito purgativo, que isoladamente já pode representar um risco a vida do indivíduo. Ao final, o risco de mortalidade daqueles com TA é aumentado, possuindo também prejuízos na qualidade de vida e dificuldades de se realizar um tratamento adequado.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN COLLEGE OF SPORTS MEDICINE. The Female Athlete Triad. *Medicine & Science in Sports & Exercise*, v. 39, n. 10, p. 1867–1882, out. 2007.

American Psychiatric Association. (2014). Neurodevelopmental disorders. In *diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5<sup>th</sup> ed.)

APPOLINARIO, J. C. et al. Correlates and impact of DSM-5 binge eating disorder, bulimia nervosa and recurrent binge eating: a representative population survey in a middle-income country. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, v. 57, n. 7, 19 jan. 2022.

ARCELUS, J. et al. Mortality rates in patients with anorexia nervosa and other eating disorders. A meta-analysis of 36 studies. *Archives of General Psychiatry*, v. 68, n. 7, p. 724–731, jul. 2011.

BUTTON, E. J.; CHADALAVADA, B.; PALMER, R. L. Mortality and predictors of death in a cohort of patients presenting to an eating disorders service. *International Journal of Eating Disorders*, p. NA-NA, 2009.

CARR, C. T.; HAYES, R. A. Social Media: Defining, Developing, and Divining. *Atlantic Journal of Communication*, v. 23, n. 1, p. 46–65, 6 fev. 2015.

CHONG, C. W. et al. Effect of ethnicity and socioeconomic variation to the gut microbiota composition among pre-adolescents in Malaysia. *Scientific Reports*, v. 5, n. 1, 20 ago. 2015.

DE OLIVEIRA, C. et al. The direct health care costs of eating disorders among hospitalized patients: A population-based study. *International Journal of Eating Disorders*, v. 50, n. 12, p. 1385–1393, 6 nov. 2017.

FAIRBURN, C. G.; BEGLIN, S. J. Assessment of eating disorders: interview or self-report questionnaire? *The International Journal of Eating Disorders*, v. 16, n. 4, 2015.

FONTELLA, R. M.; BARCELOS, A. L. V.; D'ALMEIDA, K. S. M. Prevalência de comportamentos de risco para transtornos alimentares em atletas: Uma revisão sistemática. *RBNE - Revista Brasileira de Nutrição Esportiva*, v. 18, n. 108, p. 76–98, 22 fev. 2024.

GALMICHE, M. et al. Prevalence of eating disorders over the 2000–2018 period: a systematic literature review. *The American Journal of Clinical Nutrition*, v. 109, n. 5, p. 1402–1413, 26 abr. 2019.

GRAMMER, A. C. et al. Characterizing eating disorder diagnosis and related outcomes by sexual orientation and gender identity in a national sample of college students. *Eating Behaviors*, v. 42, p. 101528, ago. 2021.

HOLM-DENOMA, J. M. et al. Eating disorder symptoms among undergraduate varsity athletes, club athletes, independent exercisers, and nonexercisers. *International Journal of Eating Disorders*, v. 42, n. 1, p. 47–53, jan. 2009.

IWAJOMO, T. et al. Excess mortality associated with eating disorders: population-based cohort study. *The British Journal of Psychiatry*, v. 219, n. 3, p. 1–7, 29 out. 2020.

KJELDBJERG, M. L.; CLAUSEN, L. Prevalence of binge-eating disorder among children and adolescents: a systematic review and meta-analysis. *European Child & Adolescent Psychiatry*, v. 32, 27 jul. 2021.

LITMANEN, J. et al. Are eating disorders and their symptoms increasing in prevalence among adolescent population? *Nordic Journal of Psychiatry*, v. 71, n. 1, p. 61–66, 14 set. 2016.

MAKINO, M.; TSUBOI, K.; DENNERSTEIN, L. Prevalence of eating disorders: a comparison of Western and non-Western countries. *MedGenMed: Medscape General Medicine*, v. 6, n. 3, p. 49, 27 set. 2004.

MARCO, J. H.; TORMO-IRUN, M. P. Cyber Victimization Is Associated With Eating Disorder Psychopathology in Adolescents. *Frontiers in Psychology*, v. 9, n. 987, 14 jun. 2018.

Medical Management of Eating Disorders. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <[https://assets.cambridge.org/97805217/27105/frontmatter/9780521727105\\_frontmatter.pdf](https://assets.cambridge.org/97805217/27105/frontmatter/9780521727105_frontmatter.pdf)>.

MOND, J., MITCHISON, D., & HAY, P. Eating disordered behavior in men: Prevalence, impairment in quality of life, and implications for prevention and health promotion. In L. Cohn & R. Lemberg (Eds.), *Current findings on males with eating disorders* (pp. 195–215). 2014.

MURIS, P. et al. Biological, psychological, and sociocultural correlates of body change strategies and eating problems in adolescent boys and girls. *Eating Behaviors*, v. 6, n. 1, p. 11–22, jan. 2005.

MURRAY, S. B. et al. The enigma of male eating disorders: A critical review and synthesis. *Clinical Psychology Review*, v. 57, n. 57, p. 1–11, nov. 2017.

PLAZA, M. et al. Social media and cyberbullying in eating disorders. *Nutrición Hospitalaria*, 2022.

SILÉN, Y.; KESKI-RAHKONEN, A. Worldwide prevalence of DSM-5 eating disorders among young people. *Current Opinion in Psychiatry*, v. 35, n. 6, p. 362–371, 13 set. 2022.

SOLMI, F. et al. Eating disorders in a multi-ethnic inner-city UK sample: prevalence, comorbidity and service use. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, v. 51, n. 3, p. 369–381, 2 dez. 2015.

STEINHAUSEN, H.-C. Outcome of Eating Disorders. *Child and Adolescent Psychiatric Clinics of North America*, v. 18, n. 1, p. 225-242, jan. 2009.

TAQUET, M. et al. Incidence and outcomes of eating disorders during the COVID-19 pandemic. *The British Journal of Psychiatry*, v. 220, n. 5, p. 1-3, 27 jul. 2021.

TREASURE, J.; DUARTE, T. A.; SCHMIDT, U. Eating disorders. *The Lancet*, v. 395, n. 10227, p. 899-911, mar. 2020.

WATSON, H. J. et al. Genome-wide association study identifies eight risk loci and implicates metabo-psychiatric origins for anorexia nervosa. *Nature Genetics*, v. 51, n. 8, p. 1207-1214, 15 jul. 2019.

ZAUDERER, S. 121 Social Media Addiction Statistics Worldwide. 2023. [(accessed on 2 August 2024)]. Available online: <https://www.crossrivertherapy.com/research/social-media-addiction-statistics>